

## MOVIMENTO DA ANTIPSICOCRACIA PELA ABOLIÇÃO DOS PSICOTESTES

*É curioso que este método de difamação e assassinio do caráter, freqüentemente levando à destruição da vítima, tenha por tanto tempo escapado à detenção.*<sup>1</sup> Dr. Thomaz Szasz

### BREVE HISTÓRICO BRASILEIRO

Psicotestes para motorista entraram no Brasil na contramão da história, no momento em que estavam sendo abolidos nos países de primeiro mundo, conforme informações das diversas embaixadas, datadas da época, em meu poder.

Em 1978 expressivos segmentos sociais e os partidos políticos permitidos na época do regime militar, a ARENA e o MDB<sup>2</sup> irmanaram-se, pressionando a abolição dos psicotestes para motorista. As confrontações microdinâmicas de poder puderam ser claramente percebidas, pois, não obstante as estatísticas oficiais revelarem a inutilidade da medida e **suu** **impopularidade**,<sup>3</sup> o poder ligado ao saber pretendia mantê-los, o que foi conseguido parcialmente.

Na década de 90 o assunto voltou à baila. Mesmo com um batalhão de milhares de pessoas estigmatizadas pela polícia mental do psicotécnico e afastadas do trânsito, altos índices de acidentes persistiam. Isso já era suficiente para sua abolição, pois evidenciava por si só a inutilidade da medida: ou seja, os insanos já estavam afastados do trânsito e mesmo assim os acidentes continuavam ocorrendo, demonstrando inexistência de relação causal. A despeito da evidência estatística e do veto lúcido da Presidência, o fabuloso *lobbie* da indústria do policiamento do pensamento<sup>4</sup> movimentando anualmente um quarto de bilhão de dólares só no Brasil, numa manobra política de rapidez raramente vista, derrubou o veto presidencial, impondo o continuísmo do estigma da *liberdade de expressão noérgica*.

O nicho mercadológico da indústria da análise e da psicocracia resulta não só do elevado faturamento, mas também da circunstância da inexistência da **responsabilização psiatrogênica**. Trata-se do último reduto no qual continuam impunes os danos e as lesões de direitos constitucionais. Este mercado cresce a tal ponto que, na década passada, alguns extorturadores trocaram os porões pela exploração do divã.<sup>5</sup>

*Os juristas devem preocupar-se com os direitos seqüestrados das vítimas dos psicotestes: Os direitos lesados e os danos provocados estão sendo ressarcidos? Os responsáveis por psicodiagnósticos negativos conferidos a motoristas que possuem um histórico de muitos anos com pouquíssimos ou mesmo nenhum acidente estão sendo processados? Ou, por acaso, um ato ilegítimo de polícia do pensamento, e não do comportamento, continua pairando acima do bem e do mal jurídico?*

O Movimento da Antipsicocracia objetiva alcançar a proibição legal da imposição compulsória de psicotestes, a sua total abolição, bem como a criminalização dos seus aplicadores e o ressarcimento das suas vítimas por prejuízos e danos morais, psicológicos, financeiros, sociais e profissionais. Ante a iminência de que o Congresso Nacional aprove o projeto 59/00 da Câmara, que pendura uma Espada de Dâmocles sobre os motoristas profissionais, sentimo-nos na obrigação de alertar a classe política evitando-se dessa maneira um ato oficial de segregação mental, punição de profissionais do volante e regressão à Idade Média, época em que teve início essa nefanda prática.

### ESTATÍSTICAS REFUTAM PSICOTESTE

Nada justifica o uso de práxis segregadora como os psicotestes. Da mesma maneira que ninguém discute a eficácia do CFC como elemento congelante, mas sim suas

<sup>1</sup> SZASZ, Thomaz, 1977. *Ideologia e doença mental*, p. 194, RJ, Zahar

<sup>2</sup> ARENA = Aliança Renovadora Nacional e MDB = Movimento Democrático Brasileiro

<sup>3</sup> A impopularidade dos psicotestes pode ser aferida lendo-se jornais da época: a) *Notícias Populares*, Curitiba, 4/10/70: Acabou o terror dos motoristas; *Jornal Gazeta do Povo*, Curitiba, 30.07.78: Luta para pôr fim aos testes psicométricos; *jornal O Estado do Paraná*, Curitiba, 30/4/76: Deputado condena os psicotécnicos. O reduzido grupo de psicólogos que, equivocadamente, defendia a psicocracia alegava desemprego, mostrando despreparo para a psicologia democrática.

<sup>4</sup> Defensores do psicotécnicos acham injusta a denominação “*polícia do pensamento*.” Mas basta fazer o mínimo de reflexão: candidatos a motorista ficam proibidos de guiar, sem terem praticado nenhum comportamento infrator do código de trânsito. A sua punição decorre exclusivamente de um ato de polícia do pensamento. Eles estão sendo punidos por expressarem o pensamento, através do desenho, por exemplo.

<sup>5</sup> Crise na psicanálise, O divã de cabeça torta, Revista *Veja* (11/2/81).

conseqüências malélicas para destruir a camada de ozônio, analogamente o psicodiagnóstico compulsório deve ser abolido por ferir preceitos jurídicos fundamentais e basear-se em metafísica e escolástica superadas. O que mais impressiona é que, mesmo aqueles que continuam pensando na existência dos pares de castas metafísicas e acreditando na autoridade escolástica, não descem da metafísica para a física analisando alguns dados elementares.

Após a implantação dos psicotestes para motorista no Brasil, o que se deu no início de 1967, as estatísticas mostraram: 1) Nos seis anos anteriores à vigência dos psicotestes, os acidentes aumentavam na média anual de 9,65%; 2) Nos seis anos posteriores aos psicotestes esta média pulou para 20,65%; 3) Nos seis anos anteriores ocorriam 33 acidentes por dez mil veículos; 4) Nos seis anos posteriores, apesar de os psicotestes terem afastado do trânsito centenas de inocentes vítimas, eles mostraram-se absolutamente inócuos, pois a coerência subiu, ao invés de diminuir, de 33 para 45 acidentes por dez mil veículos.

Pesquisas sobre o psicotécnico, feitas nos Estados Unidos, França e Inglaterra refutam em uníssono essa instituição. Em síntese:

a) O psicólogo Rosenham passou a psicocracia pelo crivo da metodologia científica nos Estados Unidos. Enviou a respeitáveis institutos de psicotestes pacientes-placebo, ou seja, pessoas rigorosamente sãs. Mesmo assim, muitas receberam psicodiagnóstico desfavorável e várias foram internadas. O psicólogo informou a essas instituições o truque que usara, mas disse que continuaria a mandar falsos pacientes. Todavia não mandou nenhum. E aí foi o tiro de misericórdia: os psicotestes identificaram como pacientes-placebo, isto é, como falsos pacientes 41% da sua clientela normal. Só que não havia nenhum.<sup>6</sup>

b) O psicólogo Passamanick submeteu o mesmo grupo de pacientes à mesma bateria de psicotestes, aplicada por dois psicotestadores diferentes. O grau de discordância entre ambos chegou a 55%.<sup>7</sup>

c) Concluíram que qualquer processo que leve a erros em massa, numa proporção tão alarmante, não merece confiança, e que os laudos revelavam os preconceitos dos emitentes, não qualidades pessoais dos pacientes.

d) Particularmente os testes projetivos emitem laudos acerca de uma entidade inexistente: a projeção. São impregnados de discriminação mental.

O processador cerebral humano tem suporte para uma variedade de comportamentos diferentes, alcançando a grandeza de **um quintilhão**. Comporta não só a memória do passado, mas todas as criações da imaginação. Procure perceber que a imaginação sempre foi perseguida. Testes projetivos e psicanálise são a atual reencarnação de milenares técnicas de caça a esta fantástica potencialidade. Com outros nomes, alçapões procurando capturar a imaginação sempre existiram em várias culturas. Sabem por quê? Porque quando a imaginação deixar de ser perseguida para ser cultivada, a humanidade jamais será a mesma, e os detentores de poder se multiplicarão aos milhares.

Um batalhão de pesquisas ao redor de todo o mundo, com centenas de teses publicadas, dá por vigorosamente refutado o próprio fundamento teórico de 100% dos chamados testes projetivos. Testes projetivos continuam caçando a energia invasora, que nunca existiu e não ser na cabeça dos seus artífices. Continuar a usá-los é uma leviandade. É continuar mentindo ao público.

Dizia-se que o fluido, o éter, o íncubo, a projeção e o inconsciente estavam em toda parte explicavam tudo. O progresso veio mostrar que eles nunca estiveram em lugar algum, pois nunca existiram. Apenas são provedores de matéria-prima para a fabricação do cassete semântico do psicodiagnóstico, muitas vezes compulsório, a cujo propósito o psiquiatra Thomaz Szasz questiona porque tal método difamatório ainda escapa à detenção.

### **QUEM REPARA OS DANOS DAS VÍTIMAS DA PSICOCRACIA?**

Psicotécnicos para motorista são:

1) Inúteis, pois não diminuíram a percentagem dos acidentes após sua implantação. Há um batalhão de motoristas já afastados do trânsito pelos psicotestes e não obstante os acidentes continuam a ocorrer normalmente. A inutilidade se explicita quando usamos a

<sup>6</sup> TORREY, Fuller, 1976. A morte da psiquiatria, p.p. 47 e Seg., RJ. Paz e Terra

<sup>7</sup> TORREY, Fuller, 1976. A morte da psiquiatria, p. 50, RJ. Paz e Terra

fórmula de Bacon: ponendo ponens, tollendo tollens;

2) Baseiam-se em práxis científicas claramente abandonadas pela moderna ciência: o determinismo, a visão fragmentária e o observador olímpiano;

3) São psiatrogênicos, isto é, produzem sofrimento mental nas vítimas desaprovadas pelos psicodiagnósticos;

4) São refutados como nocivos, equivocados e anticientíficos por cientistas de renome como os Psiquiatras Thomaz Szasz e Fuller Torrey; como os Psicólogos Eysenck, Nick Heather, Montmollin, Passamanick, Rosenham et al.

### **PSICOTESTE COMPULSÓRIO CAUSA PSIATROGENIA**

Reflitamos: se um medicamento com mera suspeita ou de inocuidade ou de iatrogenia é incontinenti proibido, como podemos permitir o uso de psicotestes, com estatísticas refutando sua eficácia, com luminares condenando a essência da sua práxis e com claras evidências de que é uma medida psiatrogênica? E o coitado do motorista vitimizado por essa credence como fica? Quem o protege? Quem defende seus direitos lesados? Quem acalenta o seu desespero? Quem diminui sua dor mortal, mental, profissional e até mesmo financeira? A mesma sociedade que condena a segregação racial pode conviver de consciência tranqüila com a segregação mental incentivada pelos psicotestes?

Parditários dos psicotestes omitem as informações cruciais, enfatizando apenas aquelas que não fecham as torneiras para o grande negócio da psicocracia que movimento milhões de dólares anualmente, só no Brasil, país que condena o tráfico de drogas, mas que tolera o tráfico de mentes humanas. As injustiças decorrentes confrontam direitos básicos do cidadão. Por exemplo, o psicodiagnóstico tem o poder de impedir o motorista de guiar e ganhar seu pão, sem ter cometido nenhuma infração de trânsito.

### **O TESTEMUNHO DAS VÍTIMAS DAS PSICOCRACIA**

Aqui vou falar só de coisas do coração. Há muitos anos faço palestras, conferências, seminários, debates, aulas na área da Filosofia, Sociologia, Psicologia e Paradigmas da Psicologia. Todavia, após o lançamento do livro recebi convites para palestrar nos ambientes os mais inusitados. Dessas palestras permita que lhe relate três lágrimas que saíram dos meus olhos reluzentes de felicidade:

a) Num ambiente, quando acabei de falar, levanta-se aquele senhor de cabelos semigrisalhos (de todos vamos respeitar o sigilo). Sua linda filha passou no vestibular e ele a presenteou com um carro zero. Mês depois a filha some. Reaparece três anos depois desfigurada pelas drogas. Como começou: a jovem fez o exame de motorista e passou, mas foi reprovada no psicoteste. Teve vergonha de contar para os pais. Sumiu com uns amigos, drogou-se. O cavalheiro orgulhosamente falou em alto e bom tom a sua história e disse que só agora estava desabafando. Chorou e eu chorei um pouquinho. Saiu feliz dizendo que ia dar a boa notícia para sua filha: psicoteste são uma farsa!

b) Em outro ambiente depois da minha palestra, entre muitas manifestações parecidas levanta-se o jovem de 35 anos e fala o que até então tinha vergonha de falar: era cabo no Rio Grande do Sul, fez curso de Sargento, passou no curso e ficou no psicoteste. Envergonhado de contar aos amigos, abandonou a terra que tanto amava. Guardou aquela magoa consigo até aquele momento em que desabafou: *Até que enfim alguém devolve minha auto-estima!* Caiu a minha segunda lágrima.

c) Em outra ocasião o cidadão levanta-se e fala desinibido para a platéia: eu era gerente de agência do Banco do Brasil. Fiz um curso para gerência regional e passei. Cheguei a contar para minha mulher e basicamente assumir a nova função. Mas faltou um simples detalhe: o psicotécnico confiscou-lhe o cargo. Também não teve coragem de contar para a mulher e muito menos para os colegas de banco. Pediu demissão. Na seqüência tornou-se um próspero empreendedor. Ele agradeceu duas vezes: a primeira por ter sido reprovado no psicoteste do banco, graças ao que descobriu suas grandes qualidades. E agora agradecia a mim, pois jurou ir para casa e contar toda a história para sua mulher, dando-lhe de presente o meu livro.

d) E aqueles motoristas sofridos, que nunca tinham se envolvido num acidente qualquer e agora, repentina e traiçoeiramente o psicotécnico seqüestra seu ganha pão!

Estou pensando na mão calejado de volante daqueles intrépidos motoristas, trabalhadores incansáveis: como fica uma criatura dessas que só conhece o trabalho, quando o psicotécnico decepa sua honradez, guilhotina sua auto-estima e decreta a pena de morte da sua alma, algemando-o semanticamente com o psicodiagnóstico desfavorável?

Milhares de brasileiros já estão afastados do trânsito, já estão sofrendo dessa inadmissível segregação mental: e os acidentes continuam. Raciocinemos com Francis Bacon: *ponendo, ponens; tollendo, tollens!* Psicotestes não são causa nem necessária, nem suficiente para diminuir acidentes. São inúteis como preventivo de acidentes e férteis em infelicidade e sofrimento para suas vítimas.

### **DIREITOS DIFUSOS ENFRENTAM A POLÍCIA DO PENSAMENTO**

O movimento da antipsiquiatria reparou várias injustiças cometidas contra os internos em instituições psiquiátricas culminando com o Movimento Antimanicomial e com o enfraquecimento e possível abolição dos hospícios. O movimento da antipsicocracia tem por finalidade inibir o crime de segregação mental alimentado pela prática da imposição compulsória de psicodiagnósticos, através de psicotestes impositivos que exercem a função de **polícia do pensamento**.

As idéias com potencial de mudança concretizam atualmente com maior rapidez os seus objetivos, transformando-se velozmente em ações. O geocentrismo persistiu como saber falsificado *duzentas e quarenta gerações* após evidência da sua refutação. Estamos desfilando pontos cruciais que começaram a ocorrer há cerca de duas a três décadas porque temos a convicção de que, no máximo no início do século XXI, a troca de paradigma em psicologia já estará ocorrendo. Parodiando o adágio popular (enquanto os cães ladram, a caravana passa), veremos que os profissionais que não se atualizarem, ficarão tossindo a poeira da consonância cognitiva de suas inconscientes carruagens, enquanto a caravana de naves interplanetárias passará.

Analiseemos o movimento da antipsiquiatria, oficialmente cunhado em 1970 por R. Laing e David Cooper, que em menos de uma década obteve sua consagração com a aprovação pelo parlamento italiano da célebre lei 180, defendida por Franco Basaglia, confirmando a psicoterapia democrática e desestigmatizando legalmente o denominado doente mental.

Há quem diga que a Lei Basaglia não acabou com a doença mental. Estas pessoas estão confundindo **fato** com **teoria**. As vicissitudes humanas da alegria e da tristeza, da vida e da morte, do amor e da ira, da confiança e do medo, bem como a estratégia individual de encará-las, não podem ser derogadas por decreto. Mas a interpretação destes fatos seja pela teoria da bruxaria, seja pela ideologia da doença mental, podem ser removidas por decreto, juntamente com a desumana crueldade de suas *práxis*. A antipsiquiatria efetivamente introduziu progresso humanista, acabando com o antigo mapa da doença mental e com muitas das suas abomináveis *práxis*. Novos ingredientes surgiram acelerando esta inevitável revolução:

- 1) Em 1971 a ONU proclamava a *Declaração dos Direitos Gerais e Particulares dos Deficientes Mentais*, garantindo-lhes os mesmos direitos de qualquer cidadão.
- 2) A desmistificação do dogmatismo científico positivista, sintetizada nesta frase de Paul Feyerabend: “*a ciência é uma das muitas formas de pensamento desenvolvidas pelo homem e não necessariamente a melhor*”.<sup>8</sup> Não no sentido de prescindir da ciência, mas na convicção de que não podemos nos apegar a teorias, porque o progresso de um ramo de conhecimento é medido pela velocidade com que elas evoluem e, portanto, mudam.
- 3) A descoberta das leis que regem a *microfísica do poder* e sua eficácia fulminante e irreversível na derrubada da relação olimpiano x cavernícola, dominador x dominado, condição *sine qua non* para a sobrevivência do conceito de inconsciente metapsicológico, da psicocracia e de resto de todo o Paradigma Passivista.
- 4) Ícones sagrados como a hermenêutica do inconsciente e o psicodiagnóstico, no esquema *dominador e dominado* funcionavam bem. Agora numa situação de *poder ao par*, serão cada vez menos considerados laudos e cada vez mais encarados como

<sup>8</sup> a) FEYERABEND, P. 1977. Contra o método, p. 447, RJ. Francisco Alves; b) BONO, Ernesto, 1971. É a ciência uma nova religião? RJ. Civilização Brasileira

juízo e imposição. Podem finalmente ser defrontados com reações microfísicas de poder do tipo: a) na minha opinião inconsciente é o seu diagnóstico; b) não concordo; c) quem sabe o que está dizendo sou eu e não você; d) não quero fazer psicoteste; e) invocarei direitos constitucionais e argüirei perdas e danos se o seu julgamento prejudicar o meu ganha-pão.

- 5) A metafísica estabelecia a bifurcação da realidade em dois domínios, um superior (mundo da luz) e outro inferior (mundo das sombras, o mundo criado pelo mito platônico da caverna). A hierarquização do conhecimento decorrente solidificou o axioma do observador privilegiado, iluminado, dotado de imunidade científica e dono das grandes verdades, dos grandes princípios, em condições de criar no oposto do seu estado de privilégio, o habitante do mundo das sombras, o inconsciente, o subordinado, o pária, o mortal comum. Momentos depois, a escolástica acrescentava a todo este aparato hierárquico do saber mais uma condecoração ao observador imperial auto-imune, um reforço na sua autoridade e superioridade, expresso no slogan *magister dixit*, se o mestre falou, está falado!
- 6) A queda do prestígio da metafísica e da escolástica; a evolução da dialética, que de simples método de divisão e de lógica do provável passou para o conceito de tese, antítese e síntese, acontecimento que se outra utilidade não tivera mostrou a importância do oposto, isto é, valorizou o mundo da sombra, pois para chegar à síntese tornava-se necessário sair da tese e passar pela antítese; a encarnação existencialista da dialética, que na definição de Sartre é a atividade totalizadora, fazendo o pensamento caminhar para mais distante do axioma do observador metafísico; a guinada do olhar kantiano mostrando a importância de ver o mundo per se, ao invés do autoritarismo do para si; o conceito do mapa **mundi trialista Eccles-Popper**; estudos da mente com recursos de ponta permitindo estudar o simultâneo isomorfismo neuroonético e o conceito de transdução infocinética minaram as bases que sustentavam a escravatura da mente, disfarçada de hermenêutica do inconsciente, alimentando a psicocracia Do policial do pensamento.

Holzkamp, refletindo sobre alguns pressupostos antropológicos ocultos na psicologia geral, lembra-nos do *bê-á-bá*: o observador autocrático é o mesmo que existia na física. A diferença está em que o enxofre analisado pelo físico não fala, mas o homem da psicologia dispõe do seu discurso, fortemente amparado agora pelo reconhecimento jurídico dos poderes difusos. Tal discurso até monossilábico (não) tem o poder fulminante de esvaziar o axioma autocrático. Viram como fora do colonialismo mental, fora do cenário monte Olimpo x caverna platônica, que sustenta a relação dominador e dominado, o Paradigma do Passivismo Psíquico desaparece?

O gigantesco movimento mundial contra a psicocracia a partir dos anos 70, teve expressões marcantes no Brasil. As grandes injustiças promovidas pelos psicoteses, reprovando motoristas profissionais, que da noite para o dia, viam-se privados do básico direito ao trabalho, numa afronta ao Art. 23º da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, provocaram uma onda de revolta nacional.

Na cidade de Itajaí, vários profissionais do volante tiveram usurpado o seu direito ao ganha-pão pelo psicoteste. Em decorrência do clima popular de revolta contra a psicocracia, o governador Konder Reis, tornou-se o pioneiro na abolição dos psicoteses no Brasil. Os jornais da época festejaram: “*Psicotécnico, acabou o terror dos motoristas*”.<sup>9</sup>

O jurista paranaense, Dr. Clínio Lira, deu consistência ao enquadramento dos psicoteses compulsórios, como lesivos aos artigos 1º, 6º, 12º e 23º da **Declaração Universal** e consubstanciou a sua TRIPLA inconstitucionalidade:

a) Promovem o crime de segregação mental; b) Presunção antecipada de culpa, já que o psicodiagnóstico desfavorável pode privar do direito de guiar até mesmo o cidadão que não tenha cometido qualquer infração no trânsito. Ora, todos somos considerados inocentes pela Carta Magna, salvo após condenação em juízo, com o exercício do contraditório; c) Liberdade de expressão é uma garantia constitucional. Desenhos **projetivos** ou **descrições** sobre estímulos como os de Rorschach<sup>10</sup> são **expressões noéticas**, cuja liberdade não pode

<sup>9</sup> Vários jornais da época publicaram manchetes no mesmo tom. A citada saiu em *Notícias Populares* (24/10/1978)

<sup>10</sup> Psicoteste consistindo em mostrar lâminas contendo manchas de tinta ao dominado.

padecer cerceamento, quer sob a forma de proibição explícita ou **tácita**. O **estigma** do psicodiagnóstico desfavorável nada mais é do que uma **proibição tácita**, uma segregação e uma condenação da liberdade constitucional de expressão.

O correto é criminalizar a psicocracia por segregação mental, por danos morais e financeiros, seguindo o sábio conselho do Dr.Szasz: “*O oprimido se torna uma coisa e o opressor se torna uma figura megalomaniaca, divina. O oprimido compreende então que é apenas simulacro de homem e que o opressor é um simulacro de Deus. é curioso como este método de difamação e assassinio do caráter tenha por tanto tempo escapado à detenção*”.<sup>11</sup>

Reflita que o psicodiagnóstico desfavorável pune o pensamento. O candidato à motorista desenhou uma figura humana fora dos parâmetros metafísicos do monte Olimpo. Apenas isto. Ele não praticou nenhum comportamento lesivo a qualquer norma escrita do código de trânsito. Assim, fica claro ver que o que está sendo policiado é o pensamento e não o comportamento. Como se vê, qualquer cidadão prejudicado, policiado na sua liberdade de expressão noética, punido pelos psicotestes, ou que não aceite a sujeição a este cerimonial de expropriação da consciência, tem amparo constitucional para, não só rejeitá-los, como também responsabilizar civilmente o emissor do psicodiagnóstico segregacionista, bem como ser indenizado por danos morais e até materiais.

Atualmente a justiça brasileira tem concedido o direito à justas indenizações s vítimas da psicocracia como também tramita a denúncia 481/2004 do Ministério público Federal contra essa prática medieval de escravidão mental. O órgão de classe da Psicologia suspendeu provisoriamente, há alguns anos atrás, a aplicação dos psicotestes, proibiu alguns, mas perdeu a oportunidade histórica de bani-los definitivamente.

Mas considerando-se que hoje: a) a aplicação de psicotestes traz grandes riscos para o profissional e enormes prejuízos para a vítima; b) a jurisprudência vem concedendo sucessivos ganhos de causa às vítimas; c) e que existem inclusive bancas advocatícias já especializadas na defesa das vítimas da psicocracia, os defensores dos direitos humanos lesados por esta prática e os amantes do progresso da ciência estão esperançosos de que a iniciativa da abolição definitiva dos psicotestes tenha a iniciativa da própria classe profissional que os adota. Afinal, assim como a Antipsiquiatria foi liderada por psiquiatras esclarecidos, nada mais justo do que a Antipsicocracia ser liderada por psicólogos evoluídos

### LUMINARES CONDENAM PSICOTESTES

**Psicólogo Maurice de Montmollin:** *o psicoteste é anticientífico e ineficaz, tendo menos sucesso que sua temível concorrente, a astrologia. A persistência doentia destas práticas medievais é uma ofensa à razão e à moral.*<sup>12</sup>

**Psiquiatra Thomaz Szasz:** *a semelhança fundamental entre os psicodiagnósticos da bruxaria e os de hoje é que nos dois existe burla contra a vítima e mentira ao público.*<sup>13</sup>

**Psicólogo Nick Heather:** *se o homem é livre, não existe forma alguma de prever o que ele fará e, portanto, nenhuma possibilidade de descrever o seu comportamento em termos de leis válidas.*<sup>14</sup>

**Psicólogo Eysenck:** *contribuiu para erradicar psicotestes para motoristas em vários países e concluiu que não existe nenhum comportamento provocador de acidentes de trânsito que não possa ser enquadrado como transgressor às leis explícitas, deixando claro com sua larga experiência no assunto que (...) em análises finais as pessoas que sofreram acidentes e as que não sofreram não foram diferenciadas de modo algum pelos psicotestes (...).*<sup>15</sup>

**Ernesto Bono:** *alguns psicólogos continuam acreditando que a psicologia possa ser um anzol para pescar verdades, apenas porque desconhecem a mente humana.(...).*

**Psiquiatra Fuller Torrey** referindo-se aos psicotestes: *tais técnicas não são mais científicas do que as usadas por feiticeiras.*<sup>16</sup>

***O erro é pernicioso não quando nos oculte uma parte da verdade, mas quando a toda ela se substitua impondo-nos o falso como se verdadeiro fosse! Rousseau***

<sup>11</sup> SZASZ, Thomaz, 1976. *A fabricação da loucura*, p. 71, RJ, Zahar.

<sup>12</sup> DE MONTMOLLIN, Maurice, 1974. *A psicotécnica na berlinda*, p.p. 36/42/43, RJ, Agir

<sup>13</sup> SZASZ, Thomaz, 1976. *A fabricação da loucura*, p. 63, RJ, Zahar

<sup>14</sup> HEATHER, Nick, 1977. *Perspectivas radicais em psicologia*, p. 27, RJ, Zahar.

<sup>15</sup> EYSENCK, H. J. 1968. *Fato e ficção na psicologia*, p. 203, SP, Ibrasa

<sup>16</sup> TORREY, Fuller, 1976. *A morte da psiquiatria*, p. 65, RJ, Paz e Terra